



DICASTERIUM DE CULTU DIVINO
ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM

Prot. N. 409/26

MENSAGEM DO DICASTÉRIO
PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS
por ocasião do
**SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL
DOS LITURGISTAS AFRICANOS
2–9 DE AGOSTO DE 2026**

Excelências,
Caros Liturgistas das Igrejas em África,
Caros Amigos,

alegra-me que tenhais decidido dar continuidade aos vossos encontros sob a forma do Congresso Internacional dos Liturgistas Africanos, iniciado há mais de dois anos no Senegal. A vossa reflexão atual sobre a inculturação litúrgica prestará um valioso serviço à Igreja, pois toca o próprio coração da vida cristã: o encontro com Deus no mistério celebrado no contexto da rica diversidade das culturas africanas.

O vosso empenho é particularmente importante nos dias de hoje, quando a Igreja é chamada a compreender cada vez mais profundamente de que modo o Evangelho pode encarnar-se nas culturas dos povos sem perder nada da sua verdade nem da sua força salvífica. A inculturação litúrgica não é uma questão secundária nem meramente estética, pois diz respeito ao modo concreto como o mistério de Cristo alcança os homens e as mulheres de todos os povos, línguas e culturas.

1. «E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós» (Jo 1,14)

A inculturação litúrgica encontra o seu fundamento precisamente no mistério da Encarnação. Assim como o Verbo eterno do Pai assumiu uma condição histórica, cultural e humana concreta, também a Liturgia é chamada a expressar o mistério de Cristo através de linguagens, símbolos e formas que sejam inteligíveis e significativos para cada povo.

O Filho de Deus não Se revelou de modo abstrato; pelo contrário, assumiu uma língua, gestos, símbolos, uma cultura e uma sensibilidade humana concreta (cf. *Gaudium et spes*, 22). Por esta razão, a Liturgia, que prolonga sacramentalmente a obra de Cristo ao longo da história, não pode permanecer alheia à vida e às culturas dos povos. Ela serve-se de realidades materiais e humanas para tornar presente, dia após dia, a presença divina: elementos naturais como a água, o óleo, o vinho e o pão unem-se a gestos — como a imposição das mãos e o sinal da cruz — e a palavras inspiradas pela Sagrada Escritura ou pronunciadas pelo próprio Jesus.

Assim, por meio das palavras «Eu te batizo», «Fazei isto em memória de Mim» ou «Eu te absolvo», participamos na obra salvífica de Cristo. Com efeito, na Liturgia, «a santificação do homem é significada por sinais sensíveis» (*Sacrosanctum Concilium*, 7).

2. «E contemplámos a sua glória» (Jo 1,14)

No prólogo do seu Evangelho, São João Apóstolo testemunha, com gratidão e admiração, como o grande mistério da Encarnação lhe permitiu, bem como aos seus contemporâneos, contemplar com os próprios olhos a glória de Deus revelada em Jesus Cristo. O próprio Jesus diria mais tarde: «Felizes os olhos que veem o que vós vedes. Porque Eu vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não o viram, e ouvir o que ouvís e não o ouviram» (Lc 10,23-24).

A nós, porém, que viemos depois destes acontecimentos, é concedida outra bem-aventurança: «Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20,29). Não vemos Deus com os nossos próprios olhos, nem ouvimos a sua palavra diretamente dos seus lábios; contudo, esse momento privilegiado da história da salvação torna-se presente para nós *per ritus et preces* (*Sacrosanctum Concilium*, 48).

Estes ritos e orações nascem da experiência concreta dos discípulos que seguiram o Senhor, testemunharam as suas obras, ouviram as suas palavras e participaram na sua Páscoa. Foi assim que a Igreja aprendeu a conservar viva a sua memória, continuando a seguir os seus passos até aos nossos dias.

A Liturgia conserva aquilo que os discípulos e a primeira comunidade eclesial viram, ouviram e receberam do Senhor (cf. 1 Jo 1,1-3). Toda a autêntica inculturação deve partir desta experiência fundamental: não se trata de criar uma nova liturgia, mas de permitir que o mistério recebido dos Apóstolos encontre uma verdadeira expressão na vida dos povos.

À luz destas reflexões, torna-se claro que a inculturação é uma transformação profunda que ocorre quase «por osmose» quando o mistério celebrado encontra uma cultura até então pouco familiarizada com ele. A autêntica inculturação não consiste, portanto, numa simples adição externa de elementos tradicionais ou culturais à liturgia, nem na introdução de novos elementos cerimoniais ou na mera tradução dos textos litúrgicos para uma língua vernácula. Trata-se de algo muito mais profundo: o encontro entre Deus, sacramentalmente presente, e a história, a cultura e até a própria «alma» de um povo.

3. *O admirabile commercium!*¹

A misteriosa troca inaugurada na Encarnação continua a produzir frutos na vida da Igreja. Assim como o Verbo eterno do Pai assumiu um corpo humano — e, portanto, uma cultura concreta — sem perder a sua identidade divina, também a liturgia entra nas culturas dos povos sem perder a sua identidade eclesial e sacramental. Contudo, é necessário ter presentes algumas considerações.

Como recordou o Papa Leão XIV: «é necessário esclarecer que a inculturação não equivale a uma sacralização das culturas nem à sua adoção como quadro interpretativo decisivo da mensagem evangélica. Tampouco pode ser reduzida a uma acomodação relativista ou a uma adaptação superficial da mensagem cristã, uma vez que nenhuma cultura, por mais valiosa que seja, pode simplesmente identificar-se com a Revelação nem tornar-se o critério último da fé. Legitimar tudo aquilo que é culturalmente dado ou justificar práticas, visões do mundo ou estruturas que contradigam o Evangelho e a dignidade da pessoa significaria ignorar que toda a cultura — como toda a realidade

¹ *Sollemnitas Sanctæ Dei Genitricis Mariæ, Ant. 1, Ad I Vesprias, Ad II Vesprias.*

humana — deve ser iluminada e transformada pela graça que brota do mistério pascal de Cristo. A inculturação é, antes, um processo exigente e purificador através do qual o Evangelho, permanecendo íntegro na sua verdade, reconhece, discerne e assume os *semina Verbi* presentes nas culturas e, ao mesmo tempo, purifica e eleva os seus valores autênticos, libertando-os de tudo aquilo que os obscurece ou desfigura. Estas sementes do Verbo, enquanto vestígios da ação prévia do Espírito, encontram em Jesus Cristo o seu critério de autenticidade e o seu pleno cumprimento». (*Mensagem do Papa Leão XIV aos participantes no «Congresso Pastoral-Teológico» sobre o Acontecimento de Guadalupe, 5 de fevereiro de 2026*).

4. Para a inculturação litúrgica

À luz da reflexão teológica e da experiência adquirida pela Igreja universal no campo da evangelização, é possível identificar alguns critérios essenciais que devem orientar o processo de inculturação litúrgica.

a) A finalidade da inculturação

A Instrução *Varietates legitimae*, no n. 35, afirma que, antes de mais, é necessário compreender claramente o objetivo da inculturação, «que é aquele estabelecido pelo Concílio Vaticano II como fundamento da restauração geral da liturgia: “Os textos e os ritos devem ser organizados de tal modo que expressem mais claramente as realidades santas que significam e que o povo cristão, na medida do possível, possa compreendê-los facilmente e participar neles de forma plena, ativa e comunitária.” Os ritos devem também “ser adaptados à capacidade dos fiéis, de modo que não necessitem, em geral, de muitas explicações para serem compreendidos”. Contudo, deve-se ter sempre presente a natureza própria da liturgia, bem como o caráter bíblico e tradicional da sua estrutura e o modo particular como ela se exprime».

O objetivo da inculturação, portanto, não é nem a originalidade nem o desejo de tornar a liturgia simplesmente mais atraente. A sua finalidade é que o mistério celebrado seja expresso com maior clareza e que o povo cristão participe de modo pleno, ativo e comunitário nos santos mistérios.

b) Fidelidade ao Mistério celebrado

O mistério de Cristo deve permanecer o centro e o critério de toda a adaptação. As formas culturais adotadas nas celebrações não devem nem substituir nem obscurecer o Mistério. Pelo contrário, devem favorecer o encontro com Deus sem alterar a sua Revelação definitiva, que encontrou o seu cumprimento na pessoa de Jesus Cristo.

Por esta razão, a *Varietates legitimae* afirma: «O processo de inculturação deve manter a unidade substancial do rito romano. Esta unidade exprime-se atualmente nas edições típicas dos livros litúrgicos, publicadas por autoridade dos Sumos Pontífices, e nos livros litúrgicos aprovados pelas Conferências Episcopais para os respetivos territórios e confirmados pela Sé Apostólica. A obra de inculturação não prevê a criação de novas famílias de ritos; a inculturação responde às necessidades de uma cultura particular e conduz a adaptações que continuam a fazer parte do rito romano» (*Varietates legitimae*, 36).

É particularmente importante recordar isto nos nossos dias, quando existe por vezes o risco de confundir a inculturação com uma experimentação arbitrária ou com uma criatividade imaginativa — por vezes desenfreada — sem regras nem critérios (cf. *Desiderio desideravi*, 48). A Liturgia não pertence a um celebrante individual, a um grupo particular ou a uma sensibilidade cultural isolada. As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da própria Igreja, que é o sacramento da

unidade, isto é, o povo santo reunido e ordenado sob a autoridade dos bispos em comunhão com o Papa. As ações litúrgicas pertencem, portanto, a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no e afetam-no (cf. Cân. 837 §1 CIC).

c) A dimensão eclesial

A inculturação não é uma iniciativa individual ou local isolada, mas um ato de amor que a Igreja realiza em favor do Evangelho e das culturas, em obediência ao mandato do Senhor: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo» (Mt 28,19).

A inculturação realiza-se em comunhão com a Igreja, em diálogo com os pastores, com toda a tradição eclesial, com os fiéis e também com os especialistas das culturas. «As adaptações do rito romano, mesmo no campo da inculturação, dependem inteiramente da autoridade da Igreja. Esta autoridade pertence à Sé Apostólica, que a exerce por meio do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; pertence também, nos limites fixados pelo direito, às Conferências Episcopais e ao Bispo diocesano. “Ninguém mais, ainda que seja sacerdote, pode por iniciativa própria acrescentar, tirar ou modificar seja o que for na liturgia.” A inculturação não é deixada à iniciativa pessoal dos celebrantes nem à iniciativa coletiva de uma assembleia» (*Varietates legitimae*, 37).

Durante a sua recente Viagem Apostólica a África, o Papa Leão XIV recordou igualmente aos fiéis: «Por isso, é necessário estar sempre atentos às formas de religiosidade tradicional, que certamente pertencem às raízes da vossa cultura, mas que, ao mesmo tempo, correm o risco de confundir e misturar elementos mágicos e supersticiosos que não ajudam no caminho espiritual. Permanecei fiéis ao que a Igreja ensina, confiai nos vossos pastores e mantende o olhar fixo em Jesus, que se revela especialmente na Palavra e na Eucaristia». (*Homilia de Sua Santidade, Kilamba, Angola, 19 de abril de 2026*).

A verdadeira inculturação nasce no seio da Igreja através de um discernimento multidimensional.

d) A reflexão teológica e a formação permanente

Antes de mais, a inculturação exige uma reflexão teológica séria e aprofundada. «Na análise de uma ação litúrgica em ordem à sua inculturação, é necessário considerar o valor tradicional dos elementos que a compõem e, em particular, a sua origem bíblica ou patrística, pois não basta distinguir entre aquilo que pode ser modificado e aquilo que é imutável» (*Varietates legitimae*, 38).

Os gestos litúrgicos possuem um profundo significado teológico que não pode ser ignorado. Antes de integrar um novo elemento, é necessário compreender plenamente o valor dos elementos rituais já presentes no rito romano, tendo presente que nem todo o elemento cultural é compatível com a fé cristã, com a natureza do Mistério celebrado ou com as estruturas rituais já existentes.

Importa recordar ainda que a adaptação litúrgica não é apenas fruto de um estudo intelectual. Trata-se de um exercício de discernimento espiritual e eclesial que requer necessariamente uma formação permanente, tanto para aqueles que são encarregados de promover a inculturação como para aqueles que são chamados a assimilar estes novos elementos no culto prestado a Deus. O Papa Francisco, citando Romano Guardini, afirmou com clareza que, sem formação litúrgica, «as reformas rituais e textuais pouco ajudarão» (*Desiderio desideravi*, 34).

Uma inculturação desprovida de adequada reflexão teológica e de sólida formação litúrgica corre o risco de reduzir-se a uma série de modificações meramente performativas, conformes às tendências

sociais contemporâneas, quando deveria tornar-se uma força salvífica capaz de inspirar e transformar a sociedade.

5. África: um terreno privilegiado

As Igrejas locais de África representam hoje um dos contextos mais fecundos para o desenvolvimento da inculturação litúrgica. A riqueza simbólica das culturas africanas, a centralidade do corpo, o valor da comunidade e o sentido do sagrado e da celebração constituem um terreno privilegiado para uma liturgia viva e participativa.

Em muitas comunidades africanas, a celebração litúrgica não é percebida como um ato meramente formal, mas como um acontecimento total que envolve a pessoa inteira: corpo, emoções, relações, memórias e esperanças. O canto, a dança, o ritmo, o silêncio e os gestos rituais são linguagens naturais através das quais o mistério cristão encontra uma expressão autêntica. Esta sensibilidade constitui um dom extraordinário para toda a Igreja, recordando-nos que a participação corporal não é um elemento marginal: o ser humano presta culto a Deus com todo o seu ser.

As experiências realizadas em diversos países africanos demonstram que a inculturação, quando devidamente orientada, não só torna a liturgia mais acessível, mas também contribui para uma evangelização mais profunda. Ela permite aos fiéis reconhecer que o Evangelho não é algo estranho à sua identidade, mas o seu pleno cumprimento.

Os processos de inculturação requerem tempo, estudo, oração, experimentação e avaliação. Não podem ser improvisados nem impostos. As comunidades reunidas em oração devem ser acompanhadas com prudência e sabedoria pastoral no seu crescimento espiritual, no seu desenvolvimento eclesial e numa consciência cada vez mais profunda da importância do mistério celebrado.

Santo Agostinho, no seu sermão de Natal sobre o «admirável intercâmbio», evoca igualmente o mistério da Transfiguração: «Para oferecer aos homens alguém que pudesse ser visto pelos homens e alguém que os homens pudessem verdadeiramente seguir, Deus fez-Se homem. E então, quando já vivia entre os homens e Se encontrava com os três Apóstolos que conduzia à parte, para um lugar retirado, resplandeceu subitamente diante deles, revestido da glória divina, a qual os Apóstolos presentes mal podiam contemplar por causa da fraqueza dos seus sentidos humanos» (Sermão 371, 2).

A autêntica inculturação segue esta mesma dinâmica: entra humildemente na vida de um povo e, com o passar do tempo, permite que a glória de Cristo resplandeça de modo cada vez mais claro.

O vosso trabalho e a vossa reflexão durante estes dias revestem-se de grande importância. Encorajamos a continuar a estudar a Instrução *Varietates legitimae* com paciência e profundidade, pois ela permanece um texto fundamental para compreender o sentido autêntico da inculturação litúrgica. Convido-vos igualmente a estudar os grandes precedentes históricos da inculturação na vida da Igreja: a passagem do cristianismo para o mundo grego e, posteriormente, para o mundo latino; o seu encontro com as culturas das Américas; e a obra missionária de Matteo Ricci e Roberto de Nobili. Eles procuraram compreender profundamente as culturas que encontraram sem trair o Evangelho nem empobrecer a fé da Igreja. O seu exemplo e a sua obra podem iluminar o vosso próprio caminho de inculturação.

Rezo para que o vosso trabalho ajude cada vez mais as Igrejas de África a celebrar o mistério de Cristo na fidelidade à tradição da Igreja e na riqueza autêntica das culturas dos vossos povos. Que a

liturgia se torne verdadeiramente o lugar onde o Verbo continua a habitar entre os homens e onde os povos podem ainda contemplar a sua glória.

Gratos por esta iniciativa, confiamos todos vós, participantes no Segundo Congresso dos Liturgistas Africanos em Kurasini, Tanzânia, à Bem-Aventurada Virgem Maria, Rainha de Kawekamo.

Cidade do Vaticano, 29 de junho de 2026
Solenidade dos Santos Pedro e Paulo

Arthur Cardeal Roche
Prefeito